

O Aconcágua, com 6.962 metros de altitude eleva aos céus, por sua Face Sul, uma imensa muralha de quase três quilômetros de altura e sete de largura, de rocha e gelo, quase intransponível. Mas está claro que quanto maior o desafio maior o desejo por superá-lo!

A maior montanha do mundo fora do Himalaia, por condições climáticas locais, a baixa pressão atmosférica e o estilo da escalada pode até ser comparada a uma montanha de 8.000 metros de altitude. No Himalaia a cobertura vegetal supera os 5.000 metros de altitude e, nesta parte dos Andes, não ultrapassam os 3.500 metros. Possui passagens difíceis em gelo e rocha, bem como travessias de glaciares, ar rarefeito e temperaturas que podem chegar aos trinta e cinco graus negativos.

O acampamento base desta face chama-se Plaza Francia, em português Praça França. Daí tem-se uma magnífica visão da parede, de onde é possível acompanhar quase toda a escalada. Para quem gosta apenas de caminhada, esta também é uma ótima opção, pois o lugar é realmente muito bonito e tranquilo!

Esta é uma escalada de alto nível técnico, cobijada pelos melhores alpinistas do mundo todo. Para os brasileiros, este desafio ainda permanecia inédito! Foi um sonho de 6 anos, um projeto de 2 anos, uma expedição de 1 mês, uma escalada de 7 dias e 10 minutos no cume! Intermináveis e inesquecíveis minutos

O tempo total para realizar esta escalada foi de 28 dias, levando-se em consideração as viagens, o período de aclimação à altitude, aproximação ao acampamento base, dias de observação, reconhecimento da melhor rota e a escalada propriamente dita, que deveria durar cinco dias, mas levou sete, por causa das péssimas condições climáticas locais e da enorme quantidade de neve acumulada na montanha.

O Projeto Face Sul do Aconcágua não aconteceu por acaso. O sucesso somente chegou após muito empenho, treinamento e um minucioso planejamento.

Na primeira etapa deste projeto realizamos, em janeiro de 2001, uma escalada de reconhecimento da Face Sul do Aconcágua. Havíamos escalado dois terços da parede quando decidimos descer. O mau tempo e o grande derretimento do gelo de algumas passagens da via de escalada foram as principais dificuldades encontradas.

Voltamos com o conhecimento e experiência necessários para superar este desafio em uma nova tentativa. O tabu da Face Sul havia sido quebrado! Psicologicamente estávamos muito motivados e sabíamos que aquela tão sonhada escalada poderia ser completada com sucesso.

Nesta primeira escalada foram 5 dias de atividade intensa em meio ao ar rarefeito e ao frio de até vinte e cinco graus negativos e algumas avalanches. Tivemos alguns contratemplos, como quando tivemos que passar uma noite sentados sobre as mochilas, entalados em uma chaminé, na Torres de Arenisca, suspensos a 5.200m!

Quando decidimos descer estávamos no fim das Rochas Areniscas, na base da barreira de seracs do Glaciar Superior; exatamente no ponto de onde, caso seguissemos em frente, seria mais fácil tentar sair por cima do que retornar para a base. Foram 20 horas ininterruptas de descida, das 10h00 da manhã de um dia até as 6h00 do dia seguinte.

Esta descida foi decisiva para nossa tranquilidade durante a escalada final, pois sabíamos em quais condições seria possível outra descida e sabia exatamente os pontos mais perigosos, como uma parada feita com pitons em uma fenda expansível!

No intuito de preparar-se para finalmente concretizar esta escalada treinamos intensamente, obviamente dentro dos nossos limites de tempo e dinheiro. Malhamos na Companhia Athletica, melhor academia de Campinas e que nos apoiou neste projeto e fizemos diversas viagens de treinamento no Brasil e no exterior.

Saímos de carro para a Argentina no dia 12 dezembro com o sonho de superar o maior desafio das nossas vidas. Após todos os trâmites burocráticos em Mendoza, rumamos para o Aconcágua. Levávamos muitos equipamentos emprestados e alguns não tão apropriados para esta escalada, como nossas pesadas mochilas e a minha bota, que já estava muito velha.

O estilo escolhido foi o alpino, portanto levaríamos o mínimo possível de peso. Uma das causas do insucesso na primeira investida foi o excesso de peso e não iríamos cometer o mesmo erro.

Diminuímos ao máximo o peso que levaríamos, a ponto de escalar com apenas uma corda de 60 metros e parcos 8.1mm de diâmetro. Nosso rack tornou-se tão “enxuto” que cada proteção que utilizava durante a escalada era muito bem pensada, pois se protegesse demais poderiam faltar peças para uma parada! Ainda assim escalamos em simultâneo várias partes, e chegava a abrir 20, até 30 metros da última proteção! Em algumas enfiadas chegava a esticar a corda toda sem colocar uma única peça de proteção intermediária.

O jogo de nuts compunha-se de 4 peças. Pitons, levamos apenas 4, 2 angles e 2 knifeblades. Os SLCD, levamos 5 Camalots, 0.5, 0.75, 1, 2 e 3. Costuras, levamos 2 expressas e mais 5 costuras de fita, 5 parafusos de gelo, 2 tbloc cada um e só. Mosquetões, quase todos wiregate (com gatilho de arame)! Um ou outro com trava, somente onde realmente era essencial. Mosquetões pêra para as paradas seriam um luxo: um dos primeiros a ficarem para trás, assim como o saca nuts. Eu não levei nem freio: escalei utilizando o nó Uiaa!

Das três varetas da nossa minúscula barraca, levamos apenas uma. Para comer, uma pequena colher e um garfo de lexan, sem pratos ou outros utensílios. Levamos apenas comida liofilizada, assim pudemos continuar a fervendo água em nossa única e pequena panela de alumínio enquanto comíamos. O cabo da panela foi quebrado para otimizar o peso. Deixamos para trás até nossas escovas de dente! Levamos apenas um isolante térmico cada um. O meu, de $\frac{3}{4}$ de corpo, ia da cabeça até o glúteo, mas o do Vitor era ainda menor e isolava apenas dos ombros ao glúteo. Decisões como esta foram fundamentais para o sucesso da escalada.

Outro fato que ditou o ritmo da escalada foi que não tínhamos tempo para uma boa aclimação, pois iríamos guiar a expedição da Grade VI com início marcado para o dia 7 de janeiro, de forma que precisávamos nos aclimatar durante a escalada.

Desta forma programamos a subida de uma forma mais lenta, contando inclusive com um dia curto no Glaciar Superior, para aclimatar e observar melhor a saída Messner. A partir do acampamento base, nosso apoio, Guilherme Setani, o Totó, monitorava o clima através de consultas telefônicas periódicas ao aeroporto de Mendoza e através de fotos de satélite via internet e nos passava as previsões do macro-clima. Desta forma sabíamos se viesse alguma grande tempestade. Isto nos tranqüilizou bastante, mas houveram várias nevascas fortes devido ao micro-clima que formava grandes nuvens de evaporação e precipitava em fortes nevascas.

Após quatro dias de aclimação no acampamento base, observando e estudando detalhadamente a parede, arrumamos as mochilas e todo o equipamento e finalmente começamos a escalar no dia 27 de dezembro de 2001.

Após sete dias de escalada e alguns contratempos, finalmente atingimos o cume, às 20h15 do dia 02 de janeiro de 2002.

A escalada foi muito emocionante: escalamos vários trechos de rocha podre, decomposta, com lances de até quinto sup, outros com rocha de boa qualidade com negativos e lances de sexto grau. Fizemos várias passagens da rocha para o gelo e vice-versa, de forma que escalávamos o tempo todo utilizando crampons.

Cruzamos glaciares, passamos por gretas escabrosas, escalamos 4 lances de gelo negativo, inúmeras cascatas, trechos mistos de rocha e gelo, enfim, toda a sorte de obstáculos possíveis em uma escalada, tudo isso em meio às avalanches, ao frio e ao ar rarefeito do Aconcágua!

Inacreditavelmente, durante a descida, que deveria ser simples, caminhando pela Via Normal, tão conhecida nossa, fomos surpreendidos por uma tempestade com ventos de mais de 100 km/h.

Há quatro dias que ninguém fazia cume. Estava tudo branco, não havia trilha, o vento soprava neve, era infernal. Fomos descendo em meio à tempestade. Quando chegamos a Independência, a 6.300 metros, escureceu e continuamos com nossas lanternas em meio à escuridão. Não encontramos o acampamento Berlin, a 6.000 metros, o que nos obrigou a fazer um pernoite não planejado, sem comida, sem água, e sem combustível.

Nossa água havia congelado no cantil por volta das 15h00 e somente fomos beber novamente no dia seguinte quando o tempo deu uma pequena melhora e então continuamos a descida. Encontramos Berlin aproximadamente às 13h00 do dia seguinte. Foram aproximadamente 22 horas de atividade, em péssimas condições climáticas e sem água!

A desidratação e o frio, associados ao vento, foram cruéis: o Vitor teve queimaduras em dois dedos da mão direita e eu congelei três dedos do pé esquerdo.

Foi muito emocionante chegar a Berlim. O vento ainda soprava forte e havia muita gente esperando para poder atacar o cume pela via Normal. Foi quando aparecemos de cadeirinha, carregando um rack de equipamentos, corda, capacete, piquetas técnicas, etc. Assim que nos aproximamos alguns vieram perguntar de onde vínhamos e respondi que era da Sul. Rapidamente formou-se uma aglomeração de pessoas que queriam ajudar, ou apenas nos observar. Fomos recebidos como heróis!

Tomamos muita água e continuamos nossa longa descida, até o acampamento base Plaza de Mulas, onde um Médico descongelou meu pé e depois rumamos ao Hotel Refúgio Plaza de Mulas, com a ajuda de dois portugueses, um deles o conhecido João Garcia, ajudado no Everest por Paulo e Helena Coelho.

No Hotel Refúgio a festa foi maior ainda, onde o meu amigo Eduardo Ibarra esbanjou hospitalidade: nos ofereceu um inesquecível jantar, onde também foram convidados vários brasileiros que ali estavam, com direito a brinde de champanhe e muitas estórias.

Escalamos a Face Sul do Aconcágua, saindo pela variante Messner! Todos os dias alguém me pergunta algo sobre a escalada e assim, até hoje, vou relembando cada lugar, cada passagem, e revivo aqueles magníficos momentos junto à tão sonhada montanha.

No alpinismo moderno, além da escalada da montanha, é também levado em consideração a rota escolhida, bem como o estilo da escalada. A rota escolhida foi uma das mais difíceis, através da temida Face Sul, e o estilo da escalada foi o mais arrojado, o estilo alpino, onde subimos levando o mínimo possível de peso, sem apoio externo, sem carregadores, sem depósitos de comida e sem cordas previamente fixadas. A escalada foi feita pelos dois alpinistas levando todo seu equipamento. Fizemos apenas um transporte para o acampamento 1 com a ajuda do Totó. Foi incrível!

Temos agora um novo projeto: escalar o Everest, a mais alta montanha do mundo, sem o auxílio de garrafas de oxigênio. Também inédito para brasileiros, este feito já foi tentado por outros alpinistas, sem êxito. Se conseguirmos, será mais um marco na história do alpinismo brasileiro! Saudações montanhísticas!

Rodrigo Raineri.

O Projeto Face Sul do Aconcágua contou com os seguintes apoios:

Grade VI – Companhia de Aventuras;

Academia Companhia Athletica;

By Roupas Esportivas;

Barras de Cereais Brunch;

Farmácia de manipulação Green Life;

Colégio Anglo de São Roque;

Getronics;

Orviz Equipamentos, através das marcas Artiach e Lorpen;

Governo Argentino, através do consulado em São Paulo e da Direção de Recursos Naturais

Renováveis, que administra o Parque do Aconcágua;

Hotel Refúgio Plaza de Mulas.

Agradecemos também a ajuda de diversos amigos que nos emprestaram algum tipo de equipamento:

Alice, Álvaro, Ana Elisa, Anderson, André Baggio, Augusto, Gonzalo, Guilherme Silva, Guilherme (Totó), José Fernando, Paulo, Tomás, entre tantos outros.